

EFEITO DO CONTROLE AVERSIVO NA ESCOLA

Vera Núbia Gomes Carvalho¹
Reginaldo Pedroso²

RESUMO

O estudo sobre os efeitos do controle aversivo na escola mostra que a história da educação é marcada por problemas de dificuldades de aprendizagem, evasão escolar e os métodos utilizados pelos professores para manter o controle dos alunos em sala de aula. Dessa forma, o objetivo deste estudo foi descrever quais são os efeitos do uso do controle aversivo no contexto escolar e suas influências no processo de ensino-aprendizagem. Para tanto, buscou-se referenciar o sistema educacional, aspectos relacionados à punição, as dificuldades de aprendizagem, evasão escolar, a análise do comportamento, o controle aversivo na escola e seus efeitos aversivos. Quanto à metodologia, inicialmente foi realizada a pesquisa bibliográfica e depois a pesquisa descritiva, utilizando a técnica de observação em uma Escola Estadual do Município de Ariquemes, na qual participaram alunos do 6º ao 9º ano e os respectivos professores, através disso, foi possível conhecer os efeitos do controle aversivo no ambiente escolar. Com isso, concluiu-se que o controle aversivo é utilizado não somente na escola, mas também na família. Os efeitos desse controle aversivo incluem reações de medo, angústia, raiva e indiferença. E, conseqüentemente interferem no desempenho do ensino aprendizagem, contribuindo para a dificuldade de aprendizagem e a evasão escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do comportamento, Educação, Aprendizagem, Controle Aversivo.

ABSTRACT

The study on the effects of aversive control in school shows that the history of education is marked by problems of learning difficulties, truancy and the methods used by teachers to keep control of the students in the classroom. Thus, the aim of this study was to describe what are the effects of the use of aversive control in the school context and its influence in the teaching-learning process. Therefore, we sought to reference the educational system, aspects related to punishment, learning difficulties, truancy, behavior analysis, the aversive control in school and their aversive effects. As for methodology, literature and then the descriptive research was initially carried out using the observation technique in a state school in the Municipality of Ariquemes, attended by students from 6th to 9th grade and their teachers, through that, it was possible to the effects of aversive control in the school environment. Thus, it was concluded that the aversive control is used not only in school, but also in the family. The effects of aversive control include reactions of fear, anxiety, anger and indifference. Consequently interfere with the performance of teaching and learning, contributing to the difficulty of learning and truancy.

KEYWORDS: Behavior Analysis, Education, Learning, aversive control.

¹ Psicóloga da Secretaria Municipal de Educação de Ariquemes - SEMED

²Doutor em Psicologia pela PUC-Goias /Especialista em Terapia Comprtamental.

INTRODUÇÃO

Os objetivos educacionais no Brasil, desde sua origem tem sido confundido com regras e normas a serem seguidas, quando o objetivo das instituições de ensino é ou pelo menos deveria ser, preparar as pessoas para lidar com a realidade em que vivem de maneira a transformá-la em uma direção significativa, nas quais, as aptidões ensinadas ou desenvolvidas por meio do ensino transformem a realidade do país (BOTOMÉ, 1987). O uso da punição foi uma prática sempre presente na relação professor e aluno desde a origem da educação no Brasil. Práticas como palmatória e castigos eram estratégias comuns encontradas no âmbito educacional como meios de organização e controle.

O efeito do controle aversivo³ na escola é um aspecto preocupante no ambiente educacional, visto que suas consequências podem interferir no aprendizado. Os professores justificam a utilização de medidas coercitivas como forma de controlar os alunos e atingirem o objetivo proposto pelo sistema educacional que é a execução do conteúdo programático. Contudo, a utilização de tais métodos de controle é amplamente discutido a tempos por quem pesquisam sobre o sistema educacional.

O sistema educacional desde o início sempre esteve marcado pela relação contraditória entre ensinar e castigar. De um lado a necessidade de aprender e adquirir conhecimento, de outro a relação aluno/professor e a dificuldade de controlar a sala de aula e obter sucesso na aprendizagem. De certo que o professor se configura nessa situação como o agente punidor, que utiliza de recursos ameaçadores para controlar os alunos, mesmo que para tanto seja preciso utilizar de meios agressivos (FISTAROL; MADEIRO; PESSINI, 2012).

Dessa relação conflituosa entre aluno, professor e os recursos punitivos no desenvolvimento da aprendizagem surgem o efeito do controle aversivo na escola. Um breve histórico da educação no Brasil, contextualiza a educação no Brasil desde a

³ Entende-se como coerção tudo aquilo que a pessoa tendem a evitar ou escapar. Controle aversivo é o tipo de controle que alguém utilizada para fazer com outra pessoa faça algo que não queira ou deixa de fazer algo que esteja fazendo (SIDMAN, 1995).

chegada dos Jesuítas e a Companhia de Jesus e pode dar uma ideia do uso do controle aversivo nas escolas (ALMEIDA; TEIXEIRA, 2000).

Os motivos que levam a punição são diversos. A ideia e a prática da punição decorrem da concepção de que as condutas de um sujeito não correspondem a um determinado padrão preestabelecido e merecem ser castigadas, a fim de que ele "pague" o seu erro e "aprenda" a assumir a conduta que seria correta. Isso conduz à percepção de que o entendimento e a prática do castigo decorrem de uma visão culposa dos atos humanos. Ou seja, a culpa está na raiz do castigo. O erro é sempre fonte de condenação e castigo, porque decorre de uma culpa, e esta, segundo os padrões correntes de entendimento, deve ser reparada. Esta é uma compreensão e uma forma de agir que configuram o modo cotidiano de ser (LUCKESI, 1998).

Os provérbios bíblicos mostram que as indicações para o uso de punição corporal como método disciplinar remontam milênios. Os ditados populares, nas diferentes culturas, também indicam esta maneira de educar uma criança e oferecem regras a serem seguidas: "ama as crianças com o coração, mas educa-as com tua mão" (provérbio russo); "quem não foi bem castigado com a vara, não foi bem educado" (provérbio grego). A vinculação da punição corporal com a disciplina vem sendo transmitida ao longo de muitas gerações como verdades inquestionáveis, consideradas modelos a serem seguidos pelos pais na educação de seus filhos (WEBER; VIEZZER; BRANDENBURG, 2004).

Nesse sentido, a punição se tornou um instrumento aceitável na escola, sociedade e no ambiente familiar. Visto que a culpa da pessoa punida é utilizada para limitar atitudes e comportamentos indesejáveis e assim o agente punidor mantém o controle. A punição como forma de educar é uma prática antiga, na qual os castigos eram físicos, como o uso da palmatória. Com o passar do tempo os castigos foram adquirindo formas mais sutis, não menos agressivos.

Educar possui diferentes significados. A maioria das definições de disciplinar encontra-se em dois grandes campos: controlar, punir e corrigir; ou ensinar, guiar e influenciar. Em sua maioria, a segunda definição é mais efetiva na produção de comportamentos desejados (WEBER; VIEZZER; BRANDENBURG, 2004).

As condutas dos alunos consideradas como erros têm dado margem, na prática escolar, tanto no passado como no presente, às mais variadas formas de castigo por parte do professor. No passado, na prática escolar, castigava-se fisicamente, o professor utilizava a régua escolar ou a palmatória para bater num aluno que não respondesse com adequação às suas perguntas sobre uma lição qualquer. Outro castigo físico, muitas vezes utilizado era colocar o aluno "de joelhos" sobre grãos de milho ou de feijão, ou ainda de mandá-lo para frente da classe, voltado para a parede e com os braços abertos. Pequenos martírios! (LUCKESI, 1998).

A punição, a longo prazo, se caracteriza em uma desvantagem, tanto para a agência punidora, quanto para o punido. Os estímulos aversivos necessários geram emoções, incluindo predisposição para fugir ou retrucar, e ansiedades perturbadoras. Nesse caso, a punição na escola, resultaria na criação de um ambiente desestimulante para o desenvolvimento da aprendizagem, remeteria a lembrança da escola repressora, que utilizava da palmatória para obter o controle dentro da sala de aula (SKINNER, 2003).

Atualmente, os castigos físicos foram praticamente abolidos da escola, mas as punições continuam em formas de ameaças de reprovação a partir de avaliações complexas. A avaliação se transforma em uma forma de punição, visto que é uma forma de classificar o desempenho do aluno.

Esta forma de conduzir à docência manifesta-se com um viés mais grave ainda, porque o professor normalmente não está interessado em descobrir quem sabe o que foi ensinado, mas sim quem não aprendeu para poder expor publicamente aos colegas a sua fragilidade. O professor, usualmente, prossegue a chamada até encontrar o fraco, aquele que não sabe. Este, coitado! treme de medo e de vergonha. O "forte" na lição é elogiado e o "fraco", ridicularizado (LUCKESI, 1998).

A avaliação no modelo tradicional apresenta efeitos aversivos e indicam a necessidade de uma forma de avaliar mais favorável que permita o pleno desenvolvimento da aprendizagem do aluno sem que este se sinta punido. Este modelo de avaliação adotado em grande parte das escolas tem contribuído com os altos índices de fracasso escolar, representado pela repetência e evasão do aluno (LEITE; KAGER,

2009). Como aponta Viecili e Medeiros (2002a, p. 1) “alguns professores acabam, por vezes, usando o ensino contra o próprio ensino”.

As atitudes ameaçadoras empregadas repetidas vezes garantem o medo, a ansiedade, a vergonha de modo intermitente. A partir do erro na prática escolar, desenvolve-se e reforça-se no educando uma compreensão culposa da vida, pois, além de castigado, muitas vezes ele sofre ainda a autopunição. Ao ser reiteradamente lembrado da culpa, o educando não apenas sofre os castigos impostos de fora, mas também aprende mecanismos de autopunição, por supostos erros que atribui a si mesmo. Nem sempre a escola é a responsável por todo o processo culposos que cada um carrega, mas ela reforça esse processo (LUCKESI, 1998).

Quando a escola é uma ameaça para a criança, muitos podem ser os subterfúgios para evitar os castigos, dentre eles o atraso, a falta de atenção, a indiferença com os professores e os conteúdos aplicados em sala de aula e outros que levam o aluno a se distanciar da aprendizagem. Os efeitos desse ambiente de hostilidade e medo a que criança está exposta pode levá-la a dificuldades de aprendizagem e conseqüentemente a evasão escolar (VIECILI; MEDEIROS, 2002a).

Várias são as causas que podem determinar a dificuldade do aprendizado escolar, dentre essas alterações comportamentais, distúrbios emocionais, inadequação pedagógica, inadequação familiar e inadaptação ao método de ensino. Contudo, é preciso identificar se tais dificuldades são inerentes ao aluno ou ao ambiente escolar. Quando são relacionadas ao aluno e esse tem consciência de suas dificuldades pode interferir na sua autoimagem, na sua autoestima e comprometer seu estado emocional. Somando isso à frustração de não corresponder às expectativas dos pais e professores, o comportamento da criança resultante dessa frustração pode ser de retração, esquiva, fuga e outros comportamentos que incidem na evasão escolar (TOPCZEWSKI, 2011).

A dificuldade de aprendizagem deixa os alunos paralisados diante do problema em não conseguir aprender e muitas vezes são rotulados de fracassados pela própria família, professores e colegas. Contudo, tais dificuldades podem advir de fatores orgânicos ou mesmo emocionais e é importante que o professor e a família estejam atentos e acompanhe essas dificuldades vividas pelos alunos, a fim de auxiliá-los e encaminhá-los aos profissionais especializados quando necessário (BARROS, 2011).

Outro problema seria a evasão escolar. O problema do abandono, dos estudos e da evasão preocupa os educadores e responsáveis pelas políticas públicas. A lista de motivos que induzem o aluno a deixar de estudar são muitas: a necessidade de entrar no mercado de trabalho, o desinteresse pela escola, dificuldades de aprendizado, doenças crônicas, deficiências no transporte escolar, falta de incentivo dos pais, mudanças de endereço dentre outros (LOPES, 2010).

Essa falta de motivação por parte dos alunos em alguns casos se dá em consequência dos conteúdos aplicados em sala de aula não ter uma conectividade com a sua vida diária e a aprendizagem se traduz em conteúdos memorizáveis para serem utilizados nas provas. Na visão dos alunos, eles reclamam do estresse e agressividade de alguns professores, que os intimida a participar mais e pedir explicações sobre os conteúdos. Por outro lado, os professores argumentam que os alunos punidos, são aqueles que faltam ou não estão interessados nos conteúdos e com isso interrompem o desenvolvimento das aulas. Situações como estas são necessárias aplicações de medidas mais severas como ameaças de reprovação (CERATTI, 2008).

Assim, entender o processo de ensino aprendizagem e as dificuldades que se configuram nesse ambiente complexo, como a dificuldade de aprendizagem dos alunos e a evasão escolar não são tarefas fáceis. Visto que a relação entre aluno e professor é formada por diversas variáveis que em muitos momentos misturam sentimentos de raiva, incompreensão, satisfação, revolta, curiosidade dentre outros. Dessa forma, tem-se de um lado o professor na busca pelo controle e do outro o aluno que do seu jeito busca se defender do que lhe é imposto.

O mundo é coercitivo, são leis governamentais, que determinam que todos devem obedecer a lei ou caso contrário irão para prisão. Nas igrejas a punição é sempre o termo utilizado para indicar que as pessoas não devem pecar, pois será punido e enviado ao inferno (SIDMAN, 2009).

Na opinião de Sidman (2009) a punição começa muito cedo, muito antes das crianças ingressarem na escola. No momento que os bebês começam a mover-se por conta própria e pegar objetos, os adultos recorrem à restrição e punição para estabelecer limites. E não se pode atribuir a esse ato coercitivo a crueldade ou maldade, simplesmente não se conhece alternativa mais efetiva. A natureza raramente fornece

outro modelo para se imitar. A punição no ambiente escolar pode produzir efeitos desastrosos, visto que poderão incentivar o aluno a evadir-se da escola. Já que a fuga nos casos de punição, nada mais é que uma consequência esperada.

Skinner (2003, p. 441) comenta que “o venerável papel da punição no controle educacional é representado pela palmatória, bem como pela aceitação de certas formas de violência disciplinadora, como o trote dos calouros”. No entanto, essas formas extremas de punição física têm sido substituídas por outras, como a ameaça de reprovação. Ou seja, sempre que uma consequência aversiva é afastada cria-se outra para tomar seu lugar.

Sidman (2009) aconselha que o controle não precisa ser coercitivo. A coerção é uma subcategoria do controle. Pode-se identificar o controle em situações práticas como o desenvolvimento das atividades dos professores, vendedores, secretários, oradores e outros profissionais que tentam controlar o que os outros fazem.

As medidas não-coercitivas e mais participativas podem transformar o ambiente escolar e também a vida dos alunos. No entanto, a rotina escolar é caracterizada pela obrigação dos professores em cumprir rigorosamente o conteúdo programático, essa pressão diária somada a dificuldade em obter resultado satisfatório no desenvolvimento do ensino aprendizagem dos alunos pode desencadear algumas formas de controle com efeitos punitivos.

Se os efeitos da punição fossem confinados aos objetivos construtivos que se reivindica para seu uso, então, para se opor a seu uso seria necessária a demonstração de alternativas não-coercitivas que atingem os mesmo objetivos. Mas, a maioria dos agentes punidores concordariam que alguns métodos não-coercitivos não são tão fáceis de aplicar ou tão rápidos em sua ação, como uma precisa e intensa punição ou reforçador negativo (SIDMAN, 2009).

É nesses momentos que prevalece a punição e o medo como forma de controle, mesmo que as consequências sejam catastróficas, Cavalcanti (2011), adverte que o problema não se restringe apenas a não permanência do efeito, mas, sim, às reações que as punições provocam nos organismos, tanto comportamentais quanto emocionais, que são as mais graves.

A frequente utilização de coerção em sala de aula deve ser revista. Pois, o aluno no desejo de escapar da estimulação aversiva descobre meios de fugir. Aumenta a frequência dos atrasos, começa ficar indiferente ao conteúdo aplicado pelo professor e embora esteja presente, não presta atenção, seus pensamentos vagueiam, o aluno fica no mundo da lua. E por fim, o pior, a fuga final para a liberdade, o aluno simplesmente esquece tudo o que aprendeu (SKINNER, 1972). Skinner (2003) apresenta três tipos de efeitos da punição, que se distingue:

a) O primeiro efeito dos estímulos aversivos usados na punição se confina à situação imediata. Não precisa ser seguido por qualquer mudança no comportamento em ocasiões posteriores. Como o fato de fazer uma criança para de rir na igreja, beliscando-a severamente, o beliscão elicia respostas que são incompatíveis com o riso, poderosas o suficiente para suprimi-lo. Embora essa ação possa ter outras consequências, pode-se especificar o efeito competente das respostas eliciadas pelo estímulo punidor. Obtém-se o mesmo efeito com um estímulo condicionado quando apenas com um gesto ameaçador do agente punidor a criança também irá parar de rir. Isto requer um condicionamento anterior, no qual a resposta é o medo. Para esse efeito não é essencial que o estímulo aversivo seja contingente ao comportamento na sequência típica de punição. Quando a consequência for observada, todavia, o efeito ainda ocorre e deve ser considerado como um dos resultados da punição. Lembra outros efeitos da punição ao terminar com um comportamento indesejável, mas como é temporário, não é provável que seja aceito como típico do controle pela punição;

b) Em geral se supõe que a punição tenha algum efeito permanente. Espera-se que alguma alteração no comportamento será observada no futuro, mesmo que não haja mais punição. Um efeito permanente, também nem sempre considerado como típico, assemelha-se ao primeiro efeito considerado acima. Quando uma criança que foi beliscada por rir começa a rir em outra ocasião, seu próprio comportamento pode fornecer estímulos condicionados que, como o gesto de ameaça da mãe, evoque respostas emocionais opostas. Em geral, então, como um segundo efeito da punição, o comportamento que consistentemente é punido vem a ser a fonte de estímulos condicionados que evocam um comportamento incompatível. Parte desses comportamentos acarreta o trabalho de glândulas e músculos lisos. Em geral um

indivíduo pode dizer quando está mentindo. Os estímulos aos quais responde quando mente são condicionados a eliciar respostas apropriadas à punição: as palmas das mãos transpiram, o pulso se acelera, dentre outros. Um comportamento severamente punido é o principal ingrediente da culpa, vergonha, ou sentimento de pecado. Uma condição de culpa ou vergonha não é gerada apenas por comportamento previamente punido, mas por qualquer ocasião externa consistente com esse comportamento. O indivíduo pode sentir-se culpado em uma situação na qual foi severamente punido. Pode-se controlá-lo pela introdução de estímulos que causem esse efeito. Embora estabelecimento de respostas apropriadas a estímulos aversivos, uma vez mais, não seja o principal efeito da punição, funciona na mesma direção. Em nenhum desses casos, entretanto, fez-se a suposição de que a resposta punida continua permanentemente enfraquecida. É mera e temporariamente suprimida, mais ou menos eficazmente, por uma reação emocional;

c) O terceiro efeito da punição é um dos efeitos mais importante. Se uma dada resposta for seguida por um estímulo aversivo, qualquer estimulação que acompanhe a resposta, originando-se do próprio comportamento ou de circunstâncias concomitantes, será condicionada. Qualquer comportamento que reduza a estimulação aversiva condicionada será reforçado. Tecnicamente, pode-se dizer que é evitada a punição posterior. Não é suficiente dizer que o que é reforçado é simplesmente o oposto. Algumas vezes é meramente não fazer nada sob a forma de permanecer ativamente imóvel. O efeito da punição no estabelecimento de um comportamento que compete com a resposta punida, e que pode impedi-la, é mais comumente descrito dizendo que o indivíduo reprime o comportamento. Se se evita repetidamente a punição, o reforçador negativo condicionado sofre extinção. Como a punição depende em grande parte do comportamento de outras pessoas, é mais provável que seja intermitente. A ação sempre punida é uma raridade.

Sidmam (2009) afirma que a punição tem como principal razão o controle das pessoas. Colocar fim a uma conduta indesejável. Comportamento inadequado persiste a despeito da punição porque é também reforçado. A maioria das pessoas, indiscutivelmente, preferiria reforçar ações alternativas em vez de utilizar punição para fazer com que nossos filhos e outros mudassem. Algumas vezes, entretanto, o

comportamento indesejado é tão forte que ele impede o indivíduo que se comporta inadequadamente de tentar qualquer outra coisa. O diálogo frequentemente não os persuade a abandonar um curso de ação que já funciona. Pode-se, então sentir que a punição é o único recurso.

OS EFEITOS DO CONTROLE AVERSIVO NA ESCOLA

O controle aversivo na escola produz efeitos negativos e ultrapassa a fase da infância. As crianças que são ensinadas através de punições crescem menosprezando professores, odiando a escola e evitando o trabalho de aprender. Na fase adulta negligenciam ou evitam ativamente oportunidades de educação ou treinamentos contínuos (SIDMAN, 2009). Outro agravante do controle aversivo nas práticas educacionais, é que, “crianças que tenha sido exposta somente ao ensino coercitivo provavelmente deverão seguir o mesmo modelo quando elas mesmas tornarem-se professores ou pais” (SIDMAN, 2009, p. 18).

Skinner (2003, p. 441) alerta que “os subprodutos do controle aversivo sempre foram aspectos notáveis das instituições educacionais”. Contudo, Skinner reforça que certos subprodutos não resultam em vantagem para o controlador e muitas vezes são prejudiciais tanto para o indivíduo quanto para o grupo. São especialmente encontrados onde o controle for excessivo ou inconsistente.

Esses subprodutos do controle como: fuga, revolta, resistência passiva. Na fuga, o indivíduo pode simplesmente fugir do controlador. Já na revolta o indivíduo pode contra-atacar o agente controlador, o vandalismo é o caso mais concreto de contra-agressão contra o grupo como um todo ou contra um subgrupo específico, como na destruição deliberada da propriedade escolar. A resistência passiva consiste simplesmente em não se comportar de conformidade com os procedimentos controladores. Isso muitas vezes acontece quando o indivíduo extinguiu seus esforços de fugir ou de se revoltar (MOREIRA; MEDEIROS, 2007).

Os subprodutos aplicados ao ambiente escolar podem ser identificados nos altos índices de evasão escolar, onde se caracteriza a fuga. Escolas totalmente destruídas pela revolta dos alunos, ou até mesmo a resistência passiva, na qual os alunos perdem o interesse pelas aulas e não participam, ficam indiferente a qualquer métodos utilizados pelos professores (SKINNER, 2003).

Os subprodutos emocionais do controle como o medo, ansiedade, ira e raiva, depressão, são destacados (SKINNER, 2003):

- a) Medo: o procedimento controlador que leva o indivíduo a fugir também dá origem ao padrão emocional do medo. As respostas reflexas das glândulas e dos músculos lisos são primeiros eliciados pelos estímulos aversivos usados na punição e depois por quaisquer dos estímulos aversivos que tenham ocorrido ao mesmo tempo;
- b) Ansiedade: um acompanhamento comum da evitação ou fuga é a ansiedade. A ansiedade pode variar em intensidade de um ligeiro aborrecimento até um terror extremo;
- c) Ira e raiva: o padrão emocional que acompanha a revolta inclui resposta de glândulas e músculos lisos e um bem marcado efeito sobre o comportamento operante, que inclui uma elevada disposição para agir agressivamente contra o agente controlador e um enfraquecimento de outros comportamentos;
- d) Depressão: as respostas ocasionais associadas com a resistência passiva são de diversos tipos. O adulto pode ficar deprimido, ressentido, indiferente, dependendo de pormenores do controle.

Nesses exemplos de subprodutos emocionais do controle apresentados por Skinner (2003), pode-se identificar acontecimentos recentes nos sistemas educacionais citado nos noticiários, como a ira e raiva, que alunos atacam agressivamente o agente controlador, neste caso o professor, por motivos como a reprovação.

Ambientes inteiros podem se tornar reforçadores ou punidores por si mesmos. Estudantes que são reforçados por notas altas, respeitos de seus professores e admiração de seus colegas provavelmente frequentam regularmente a escola. Já estudantes que são punidos por notas baixas, desaprovação e humilhação por parte de

seus professores e falta de reconhecimento e até mesmo desprezo por parte de seus colegas provavelmente se mantêm fora da escola tanto quanto possível (SIDMAN, 2009).

O relacionamento conflituoso entre professor e aluno é apontado como um dos principais gerador de sentimentos de raiva, ódio e a sensação de desprezo e humilhação por parte dos alunos (LEITE; KAGER, 2009).

O controle aversivo produz elementos que dificultam o aprendizado, no entanto, o sistema educacional sempre esteve aprisionado as mais diversas formas de controle, desde o início quando os Jesuítas submeteram a educação às diretrizes religiosas, depois era aceitável pela comunidade escolar e pela sociedade a prática dos castigos físicos, como a palmatória e outros, na atualidade, as punições tornaram-se mais sutis, mas continuam sendo as principais formas de controle no ambiente escolar.

O controle em sala de aula é necessário, entretanto, a forma como esse controle é exercido pelos professores, remetem o ato de aprender, mas a uma forma de castigo do que a uma forma prazerosa de adquirir conhecimento e transformar a vida do indivíduo.

Diante do exposto, o presente trabalho teve como objetivo observar quais são as práticas que professores utilizam em sala de aula para alcançar seus objetivos. Nesse caso, o controle da sala de aula.

MÉTODO

O presente estudo foi realizado em uma Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio da cidade de Ariquemes. Participaram da observação os alunos do 6º, 7º, 8º e 9º ano do Ensino Fundamental e os professores das Disciplinas: Geografia, História, Sociologia, Religião, Matemática, Letras/Inglês, Ciências, Artes e Português. A observação tinha como objetivo abranger a orientação e direção, mas a Escola não permitiu. O material utilizado para realizar as observações consistiu em protocolo para anotações e caneta ou lápis.

PROCEDIMENTOS

A escola foi escolhida por oferecer as séries do ensino fundamental, não houve um critério específico para definir a escolha dos alunos e professores. Sendo que os professores de todas as disciplinas mostraram-se receptivos as observações, sem nenhuma restrição quanto à presença da pesquisadora.

No primeiro momento, foi apresentada a pesquisadora aos professores explicando que a mesma estaria participando das aulas apenas para observar a relação professor/aluno. No entanto, não foi exposto o motivo da pesquisa para evitar uma possível mudança nessa relação e comprometer o resultado do estudo.

As observações aconteceram durante um período de dois meses, nos quais, dois dias na semana eram realizadas com duração de quatro horas diárias. O comportamento do aluno e do professor era observado no decorrer das aulas, quando eram feito os registros.

Sendo que tais registros eram feitos apenas quando o professor utilizava do controle aversivo. Por esse ser o objetivo do trabalho, outras interações não coercitivas não foram registradas.

Por se tratar de um estudo descritivo, o presente trabalho focou em descrever todas as vezes que um comportamento indesejado se manifestava em sala de aula e gerava como consequência uma possível punição.

Para realizar as observações, o estudo tomou como base a análise funcional: SD : Cpt → Csq. Os dados foram distribuídos em tabelas respectivas para cada professor, independente do dia de observação, pois tinha como objetivo descrever o comportamento do professor no controle do ambiente escolar. As análises foram feitas a partir do referencial teórico de Skinner e Sidman.

RESULTADOS

Nas observações realizadas na escola foram coletados os dados dispostos nos quadros abaixo, nesses quadros estão descritos: o comportamento do aluno dentro de sala de aula, a reação do professor estimulada por tal comportamento e a consequência, ou seja, a mudança ou não do comportamento do aluno a partir do

comportamento do professor. A observação se deu em dias diferentes conforme os horários dos professores.

Nos quadros as siglas significam: S^D do professor → comportamento do aluno; Cpt do prof → o comportamento do professor em relação ao S^D; CSQ → a mudança no comportamento do aluno.

Quadro 1: Professor de Português

S ^D professor	Cpt - professor	CSQ
Alunos conversando.	Professora avisa que está anotando os nomes para levar à direção.	Alunos ficam em silêncio.
Aluno pede material do colega.	Professora pede que mude de lugar/se continuar vou colocar de frente pra sala na minha mesa.	Aluno obedece e senta no local indicado.
Aluno não fez a tarefa.	Professora chama a atenção “será preciso chamar seus pais aqui?”	Não conferida
Alunos conversam.	Professora pede silêncio aos gritos e ameaça “já estou como o caderno na mão”.	Os alunos ficam em silêncio.
Aluno concluiu a atividade e foi até a mesa da professora mostrar.	A professora mandou que ele fosse sentar (não deu atenção) percebe-se que a professora não age assim com outros alunos.	O aluno voltou sentar chateado e comentou que a professora não age assim com outros alunos.

Fonte: autores

No Quadro 1 a observação realizada na aula de Português foram constatados quatro momentos em que a professora utilizou-se de ameaças para obter o controle da sala de aula. No primeiro, enquanto os alunos conversavam a professora ameaçou anotar os nomes deles e entregar na direção para prováveis punições. Os alunos se sentiram intimidados e mantiveram silêncio no primeiro momento logo depois as conversas continuaram, mas em tom mais baixo.

Em outro dia de observação, um dos alunos volta a conversar, para solicitar material didático para o colega ao lado. Diante disso, a professora dá ao aluno duas opções, ou mudar de lugar na sala, ou se insistir na conversa irá colocá-lo na frente da sala. O aluno entende a ameaça e muda-se para outro local longe do colega, mas a comunicação continua, se virando para olhar para o colega e com sorriso.

Outra situação que foi constatada a ameaça de punição, foi quando a professora foi fazer a conferência da tarefa de casa. Um dos alunos não fizera a tarefa, nesse momento ela ameaça chamar seus pais na escola. Os pais nessa constatação é outro agente punidor, que poderá aplicar outra punição e com isso será conquistado o comportamento desejado, ou seja, a obediência.

No quarto momento, a professora mostrou-se nervosa ao entrar na sala de aula e pede silêncio aos gritos e ameaça os alunos com o caderno de anotações onde anotar os nomes para serem levados à direção. Mediante a ameaça os alunos ficam em silêncio.

A ameaça é constante durante o processo de aprendizagem, o que se denota que para todas as ocasiões que algo não saiu satisfatoriamente como previa a professora, a situação foi tratada sob ameaça.

A professora não demonstrou imparcialidade no tratamento com os alunos, quando um dos alunos considerado por ela como mal comportado a procurou na mesa para mostrar a atividade concluída, ela o tratou com indiferença (olhou em sua direção e continuou com sua atividade na mesa e não lhe deu atenção). Aluno retornou para sua carteira desanimado e reclamou que quando são outros alunos a professora os elogia.

Quadro 2: Professora de Religião

S^U professor	Cpt - professor	CSQ
Alunos conversando.	Professora ameaça levar a lista dos alunos à direção para que os pais sejam chamados na escola.	Alunos ficam em silêncio.

Alunos estão dispersos.	A professora realiza atividade de contar história da arca de Noé:	Os alunos realizam outras atividades na aula, não se interessam para o que a professora fala.
Alunos desenhando e pintando no momento da aula	Professora percebe e pede que guardem os cadernos, se não vai chamar os pais.	Um dos alunos responde que não quer saber de história da arca de Noé, quer saber de sua própria história.

Durante a aula de Religião, a professora também utiliza de ameaça para obter o controle da sala, os nomes dos alunos que não se comportam são anotados em uma lista, quando a professora quer atenção para o conteúdo aplicado e os alunos estão dispersos ou conversando ela ameaça levar a lista à direção e os pais serão chamados na escola para resolver os problemas de indisciplinas.

Quando a professora anuncia a atividade de contar a história da arca de Noé, os alunos se mostram desinteressados e buscam um meio de “fugir” da aula, desenhando nos cadernos e conversando. A professora mais uma vez ameaça, caso não guardem os cadernos, chamará os pais na escola. Um dos alunos se revolta e responde que não quer saber da história da arca de Noé, ele quer saber de sua própria história.

Quadro 3: Professora de Sociologia

S^D professor	Cpt - professor	CSQ
Na troca de professores os alunos se levantam e ficam conversando	Professora entra e os alunos que estavam conversando ou do lado de fora da sala vão para a direção e a professora avisa aos demais que tudo que eles fazem na escola de errado vai para a ficha de transferência que eles levam para outras escolas	Alunos obedientes até o final da aula.

Correção nos cadernos/ aluna não fez as tarefas.	Encaminha aluna a direção para enviar um comunicado para os pais.	Aluna rabisca todo o caderno e debruça na carteira.
Aluno chamando o colega.	Professora o coloca na frente sozinho separado dos demais, aluno reluta e a professora exige "AGORA".	Aluno obedece e senta no local indicado pela professora.
Aluno relata que pai o chama atenção e bate por tudo.	A professora aproveita o desabafo do aluno e ameaça de chamar o pai na escola.	O aluno começa a chorar e precisa ser tirado da sala.
Um aluno estava conversando na aula.	A professora vai até sua carteira e o chama atenção.	O aluno abaixa a cabeça e permanece até o término da aula.
Aluno faz um comentário.	A professora responde "não estou lhe perguntando nada, você não consegue ficar calado?"	O aluno fica em silêncio.

O Quadro 3 demonstram os dados da professora de sociologia, pode observar que a professora ao entra na sala os alunos cessam as conversas e impera um silêncio total. Mas, no decorrer da aula, a professora verifica que uma aluna não fez a tarefa de casa, a encaminha para direção para ser comunicado o fato aos pais. A reação da aluna é de revolta, a mesma rabisca o caderno e debruça na carteira. Um dos alunos chama o colega e por isso é colocado na frente da sala.

Diante dos fatos constatados nota-se que a professora mantém o controle em sala através de atitudes enérgicas, e essa estratégia de colocar o aluno na frente da sala, conforme foi observado, para o aluno é um momento de constrangimento e humilhação.

Após a ameaça da professora é conquistado o comportamento considerado por ela como adequado: o silêncio. Entretanto, nem sempre o silêncio dos alunos pode ser avaliado como sinal de sucesso na aprendizagem, pois as reclamações continuam quando é constatada a dificuldade dos alunos fazer as tarefas de casa.

Outro ponto importante que foi verificado durante a observação, foi que mesmo quando a professora consegue o que deseja dos alunos, que é o silêncio e a atenção

para o conteúdo, ela não propõe à sala nenhum tipo de recompensa pelo bom comportamento.

Nessa aula também é válido ressaltar que quando o aluno faz um desabafo e conta que seu pai é muito severo e por tudo ele lhes chama atenção e bate. A professora aproveita o desabafo do aluno e diz: “*é bom saber disso, quando você não obedecer e ficar conversando vou mandar chamar seu aqui*”, a reação do aluno é de desespero e precisa ser retirado da sala para conter o choro.

A professora de Sociologia tratou os alunos rispidamente, a cada indício de conversa ela se dirige até a carteira do aluno com voz alterada ameaça levá-los para a direção. Quando um aluno fez um comentário banal, ela responde que não está lhe perguntando nada e se consegue permanecer calado. A hostilidade que é dispensada aos alunos os assusta e a sala permanece em silêncio.

Quadro 4: Professor de Letras/Inglês

S^D professor	Cpt - professor	CSQ
Alunos estão de pé conversando.	Professor fica parado no meio da sala em silêncio. “Na minha aula não tem pontos por comportamento “bom”, por quê? Por que educação vem de casa”.	Alunos procuram seus lugares e sentam, reinando silêncio total.
Alunos conversando	Avisa que na próxima aula vai trazer atividades que eles não terão tempo para conversar	Não foi observado

A figura do professor de Letras/Inglês intimida os alunos, no início estão conversando em pé fora dos seus lugares, mas, quando o professor se posiciona no centro da sala e fica em silêncio observando-os, cada aluno procura seu lugar e a aula transcorre no mais absoluto silêncio. Mas, o fato de permanecerem em silêncio não significa, contudo, que os alunos participem ativamente da aula. Eles se mostram um

tanto indiferentes ao conteúdo aplicado. Com o aviso do professor que na próxima aula trará uma atividade caracteriza uma forma de ameaça e requerer antecipadamente controle para sua aula.

Foi observado que na aula seguinte o professor trouxe um texto para ser lido e traduzido em sala de aula ocupando todo o tempo dos alunos, o que se supõe que o desejo de obter o controle a qualquer custo foi alcançado.

Quadro 5: Professora de História

S^D professor	Cpt - professor	CSQ
Alunos conversando.	Professora avisa se continuarem conversando vai dar “zero” pra todo mundo.	Alunos fazem silêncio.
Os alunos estão conversando.	A professora manda formar grupos para avaliação e ameaça: o grupo que ficar conversando vai perder ponto. Após a avaliação, a professora faz comentários tipo “o grupo vencedor é mais inteligente e eu os escolhi como meus alunos”. A professora elogia alguns alunos os que alcançaram o objetivo	Os alunos ficam em silêncio.
Aluno conversando com outro.	A professora chama atenção e fala: “ <i>vocês já devem saber tudo</i> ”.	Os alunos se calam.

O quadro 5, é descrito a aula de História, na qual foi mais uma vez caracterizado o uso do controle aversivo como forma de se obter o controle em sala de aula. Dessa vez, a ameaça é a nota, que interfere no resultado final do aluno para que o mesmo seja aprovado. Como visto, as conversas em sala de aula são a principal dificuldade dos professores desenvolverem suas atividades de aprendizagem com efetividade.

Para combater as conversas durante as aulas os professores sempre usam as medidas coercitivas. A repressão é o principal instrumento no ensino aprendizagem.

Em outro momento, a professora demonstrou que a avaliação funciona como uma forma de separar os bons alunos dos maus alunos. Os que alcançaram notas boas na avaliação oral foram considerados “seus alunos”. Com isso nota-se que existe uma preferência pelos alunos que se destacam, enquanto os outros são menosprezados.

Um aluno começa conversar com outro e a professora em tom sarcástico fala: “*vocês já devem saber tudo*”. Diante disso, os alunos calam-se.

Quadro 6: Professor de Ciências

S^D professor	Cpt - professor	CSQ
Alunos conversando.	Professor para de explicar e pede que um aluno faça leitura de texto.	Alunos se concentram na atividade.
Dois alunos discutindo em sala.	Professor chama atenção de um aluno e o avisa que vai levá-lo para direção.	Aluno se irrita com o professor e diz: pode levar.

Na aula de ciência, novamente as conversas dificultam o desempenho do professor durante a aula, porém, dessa vez, é utilizada uma alternativa não coercitiva, em vez de ameaçar, o professor pede para que um aluno faça a leitura de um trecho do texto e outro dará sequência, assim a maioria da sala realizará uma parte da leitura. Isso prendeu a atenção dos alunos na expectativa de ser o próximo a dar sequência na leitura e com isso a aula seguiu sem conversas e foi muito participativa.

Em outro dia de observação mais uma vez a ameaça de punição é evidenciada, foi quando dois alunos discutiram dentro da sala de aula e o professor para buscar manter o controle, ameaçou de levá-los à direção, a reação de um dos alunos foi de contra-atacar e respondeu que poderia levá-lo, o professor o levou e retornaram juntos para a sala, o aluno sentou em sua carteira e o professor continuou a dar aula sem mais interferências.

Quadro 7: Professora de Matemática

S^D professor	Cpt - professor	CSQ
Os alunos se mostram apreensivos.	A professora propõe a realização de atividades em grupos e passa em cada grupo tirando as dúvidas. Todos os alunos são atendidos.	Os alunos participam das atividades.

A professora de matemática não parece ter dificuldades para manter o controle em sala de aula. Propõe uma atividade em grupo que bem aceita pelos alunos que logo formam os grupos e diversas vezes solicitam a presença da professora para tirar dúvidas e são bem atendidos. Os alunos participam ativamente da aula e desenvolvem bem as atividades propostas.

Quadro 8: Professora de Geografia

S^D professor	Cpt - professor	CSQ
Os alunos se mostram muito apreensivos no início da aula.	A professora anuncia avaliação oral. A professora não dá oportunidade àqueles alunos que desejam responder às perguntas. A professora diz que se não sabe responder também não sabe o caminho de casa.	Alunos que não responde certo.
Quando chamados, e o aluno que não consegue responder.	A professora fala que vai ser preciso chamar os pais e avisa: vocês fiquem esperto, o ano passado não fiquei com vocês até o final do ano, este eu vou ficar.	Os alunos debocham da professora pelas costas.
Aluna conversando com colega da frente.	Professora pede que a mesma leve a atividade até sua mesa para conferir se concluiu, " <i>já que está conversando deve ter terminado</i> ".	Aluna vai até a professora, volta para sua carteira olha em direção da professora e confere que a mesma não está olhando, mostra a língua e faz "caras e bocas".

A professora de Geografia ao anunciar a avaliação oral, os alunos se mostram apreensivos. No decorrer da avaliação, alguns alunos manifestam a vontade de responder as perguntas, mas ela ignora e escolhe outros alunos. Quando pergunta e o aluno não consegue responder ela faz comentários tipo: “*se você não sabe essa pergunta, não sabe nem o caminho de casa*”.

A professora anuncia que esse ano ela ficará com àquela sala até o final do ano, já que o ano passado isso não foi possível, esse comentário é mais uma ameaça, e completa, “*é melhor estudar ou então vão reprovar, por que não vou facilitar*”. Nessa aula mais uma vez, foi ameaçado de chamar os pais dos alunos para resolver problemas de indisciplina e quando os alunos erravam as repostas da avaliação oral. Apesar da professora ameaçar os alunos, eles não demonstram medo e quando ela vira as costas debocham dela.

Quadro 9: Professora de Artes

S^D professor	Cpt - professor	CSQ
Os alunos estão todos sentados esperando a professora.	A professora pede para os alunos formarem grupos e realizar tarefas: desenho livre.	Os alunos mostram-se muito interessados.
A professora entra na sala e os alunos estão de pé, como sempre fazem na troca de professor	A professora realiza uma dinâmica de grupo: “verdade ou desafio”. Aula participativa e interativa. Ao final a professora faz elogios à turma e pede um feedback.	Todos os alunos participação da aula, sem restrição.

Na aula de Artes a professora conseguiu manter os alunos interessados na atividade e não houve problemas com conversas ou algum tipo de ameaça. Quando terminaram as atividades os alunos foram todos elogiados pela participação e colaboração para o êxito da dinâmica.

Com isso, verifica-se que quando as aulas são diferentes e participativas os professores conduzem mais tranquilamente as aulas e os alunos participam e interagem permitindo um maior aprendizado.

Os alunos mostram-se entusiasmados em participarem e desenvolver atividades que permitam a assimilação com sua realidade o que se torna significativa e possibilita um melhor aproveitamento e interação entre os próprios colegas e entre professor e aluno. Entretanto, quando a aprendizagem é desenvolvida nos métodos tradicionais, ou seja, copiar e resolver exercícios que os alunos não conseguem fazer nenhuma ligação com sua vida cotidiana, eles se mostram desinteressados e indiferentes e procuram diversas formas de atrapalharem as aulas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo revelou que o uso do controle aversivo na escola não mudou desde as mais remotas civilizações no que se refere ao seu objetivo e que antigamente os instrumentos de punição se constituíam de palmatória e outros castigos corporais e no momento, o controle passou para humilhações, ameaças e constrangimentos. Na atualidade esses castigos corporais foram quase que totalmente abolidos, contudo os instrumentos utilizados para manter o controle em sala de aula, apesar de serem utilizados de forma sutil, não são por isso menos agressivo. Mas, a punição na escola se constitui em uma desvantagem, torna o ambiente desestimulante para o desenvolvimento da aprendizagem, além de associar a escola a um ambiente de repressão. Logo, o aprender para o aluno significa um castigo (SKINNER, 2003).

Dessa forma, o resultado da observação realizada em sala de aula, evidenciou que os agentes punidores na escola são os próprios professores que utiliza de punições, ameaças e até mesmo o próprio ensino como forma de controle, quando no Quadro 4

pode-se observar que o professor avisa que trará uma tarefa para ocupá-los toda a aula. O comportamento dos alunos considerados por eles como indesejáveis e que precisam ser controlados são: as conversas paralelas, discussões com colegas, não fazer as tarefas de casa, falta de interesse pelos conteúdos programáticos. A forma de controle mais utilizadas é a ameaça de levá-los para diretoria, chamar os pais na escola, descontar pontos na avaliação. Já a punição, a mais utilizada pelos professores é mandar o aluno sentar na frente da sala separado dos colegas durante a aula.

De acordo com os professores, colocar o aluno na frente da sala é uma forma de mantê-lo sob seu controle e ao mesmo tempo dar exemplo aos outros.

Que pode ser avaliado como uma forma do agente punidor mostrar que detém o poder e que poderá punir para conquistar o comportamento desejado, neste caso o silêncio e a obediência dos alunos. Assim, após a punição ou ameaça o professor consegue o comportamento desejado, restabelece o controle da sala e o controle aversivo é cessado, mas não por muito tempo. Punir é a forma de controle mais efetiva na produção de comportamentos desejados (WEBER; VIEZZER; BRANDENBURG, 2004).

A atitude de colocar o aluno na frente da sala relembra os castigos físicos utilizados no passado, quando o aluno era colocado “de joelhos” sobre grãos de milho ou de feijão, ou ainda mandá-lo para frente da classe, voltado para a parede e com os braços abertos. Pequenos martírios! (LUCKESI, 1998).

A avaliação também se mostra dentro do contexto escolar, como uma das formas de controle aversivo. O aluno que alcança a nota alta é admirado pelo professor e pelos colegas. No entanto, o aluno que tira notas baixas é punido severamente pela humilhação, desprezo e falta de reconhecimento dos professores e provavelmente fugirá da escola tanto quanto possível (SIDMAN, 2009).

Entretanto, este método de ensino aprendizagem, indica que o professor normalmente não está interessado em descobrir quem sabe o que foi ensinado. O “forte” na lição é elogiado e o “fraco”, ridicularizado (LUCKESI, 1998).

Com isso, os alunos reagem a esses controles aversivos de diversas formas, alguns se mostram indiferentes aos professores e aos conteúdos. Outros reagem agressivamente e enfrentam os professores provocando-os a fazerem mais ameaças

ou aplicar efetivamente tais punições. São os subprodutos do controle: fugir do controlador, contra-atacar o agente controlador, a destruir deliberadamente da propriedade escolar e a resistência passiva (SKINNER, 2003).

O controle aversivo é amplamente utilizado e aceito como instrumento de controle para conduzir alguém ao comportamento desejado, seja no ambiente escolar, familiar ou na sociedade. Por esse motivo, é difícil atribuir ao professor a culpa pela dificuldade de aprendizado e pela evasão escolar, visto que apesar das medidas coercitivas serem como mostra na pesquisa uma influência negativa no desempenho do aluno, ainda existem outros fatores que não podem ser desconsiderados, como os fatores sociais, econômicos, culturais, psicológicos e outros que também influenciam significativamente no ensino aprendizado. Por outro lado, “o trabalho do professor é controlar o comportamento de seus alunos” (SIDMAN, p. 66, 2009).

Porém, é notório destacar que as dificuldades dos professores em manter o controle dos alunos em sala de aula geralmente os levam a aplicar medidas coercitivas. Por sua vez, o controle aversivo produz elementos que contribuem significativamente para a dificuldade de aprendizagem e a evasão escolar.

A frequência do comportamento dos alunos em sala de aula durante a observação mostrou que a utilização de punições e ameaças, não se constitui em soluções duradouras e o controle é obtido pelo agente punidor por algum tempo, depois volta ao ponto inicial, precisando novamente de novas punições e ameaças. Por outro lado, quando os professores utilizam outros meios não coercitivos, como aulas mais criativas com a participação e interação dos alunos não são necessárias a utilização do controle aversivo, as aulas transcorrem tranquilamente, sem interrupções. O que mostra que o uso do controle aversivo na escola não é sinônimo de aprendizado e os seus efeitos são mais negativos que positivos.

A aprendizagem escolar deve ser construída a partir da interação e objetivo comum entre professor e aluno, onde a busca pelo conhecimento e a formação do indivíduo enquanto cidadão deve ser o princípio básico do sistema educacional

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, J. S. G.; TEIXEIRA, G. R. M. **A educação no período colonial: o sentido da educação na dominação das almas.** Trilhas, Belém, v. 1, n.2, p. 56-65, nov, 2000

BARROS, J. **Dificuldades de aprendizagem.** Equipe Brasil Escola, 2011.

BOTOMÉ, S. P. **Como decidir o que ensinar: objetivos de ensino, necessidades sociais e tecnologia educacional.** São Carlos (SP): Universidade Federal de São Carlos. Documento não publicado. 1987.

CAVALCANTI, D. E. **Escola e punição: Casamento para uma geração de filhos frustrados.** Disponível em:
<<http://www.frb.br/ciente/PSI/PSI.CAVALCANTI.F2%20.pdf>>. Acesso em: 06 de jan. 2016.

CERATTI, M. R. N. **Evasão escolar: causas e consequências.** Paraná, 2008. Disponível :<<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/242-4.pdf>>Acesso em 05 de jan. de 2016.

FISTAROL, A. R.; MADEIRO, V.; PESSINI, M. A. **Compreendendo os efeitos do controle coercivo no ambiente escolar.** *UNINGÁ Review*, v. 11, n. 1, 2012.

LEITE, S. A. S.; KAGER, S. **Efeitos aversivos das práticas de avaliação de aprendizagem escolar.** *Ensaio: aval. pol. públ. Educ.*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 62, p. 109-134, jan./mar. 2009.

LOPES, N. **Como combater o abandono e a evasão escolar.** Nova Escola. Gestão escolar, Rio de Janeiro: Abril, Ed, v. 7, 2010.

LUCKESI, C. C. **Prática Escolar: do Erro Como Fonte de Castigo ao Erro Como Fonte de Virtude.** 1998. Disponível em:<
http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_08_p133-140_c.pdf >Acesso em 04 de fev de 2016.

MOREIRA, M. B.; MEDEIROS, C. A. **Princípios Básicos de Análise do Comportamento.** Porto Alegre: ArtMed, 2007.

SIDMAN, M. **Coerção e suas implicações.** São Paulo: Livro pleno, 2009.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano.** 11 ed.São Paulo: Martins Fontes, 2003.



_____ **Tecnologia do ensino.** São Paulo: Herder, Ed. da Universidade de São Paulo, 1972.

TOPCZEWSKI, A. **Aprendizado e suas desabilidades: como lidar?** São Paulo: Cada do Psicólogo, 2011.

VIECILI, J.; MEDEIROS, J. G. **A coerção em sala de aula: decorrências de seu uso pelo professor na produção do fracasso escolar.** *Interação em Psicologia*, vol. 6, n.º 2, Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, pp. 183-194, 2002a.

VIECILI, J.; MEDEIROS, J. G. **A coerção e suas implicações na relação professor-aluno**1, 2. *Psico-USF*, v. 7, n. 2, p. 229-238, 2002b.

WEBER, L. N. D.; VIEZZER, A. P.; BRANDENBURG, O. J. **O uso de palmadas e surras como prática educativa.** Curitiba, 2004.